



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à
Via Rural (Fazendinha)**

Londrina - PR, 12 de abril de 2003

Meus queridos e queridas companheiros e companheiras do estado do Paraná,

Meus amigos e minhas amigas de Londrina,

Eu quero pedir uma espécie de “paciência chinesa” para todos nós, aqui, porque sei que muitos de vocês estão em pé há algumas horas. Mas eu queria só lembrar a vocês que quando estamos com dor de cabeça e tomamos um comprimido, ficamos ansiosos, achando que porque tomamos um comprimido a dor de cabeça vai passar logo. E, às vezes, ela não passa.

Nós estamos começando um governo. Temos 100 dias de governo. Eu não tenho nenhuma dúvida de que o governo que nós montamos vai, no final do mandato, mostrar ao Brasil que se o país tivesse sido administrado de forma mais justa, de forma correta, se tivessem acreditado na capacidade produtiva da nossa indústria e da nossa agricultura, o Brasil poderia ser infinitamente melhor para os seus filhos do que é hoje.

Muita gente votou, na eleição passada, com uma espécie de “voto de coragem”. Porque, de outra vez, se tentou estabelecer o pânico na sociedade brasileira, tentando vender a idéia de que o Brasil precisaria continuar do jeito que vinha, porque senão ia quebrar.

Eu quero lembrar aos criadores de gado, aos produtores rurais, aos empresários e aos trabalhadores, aos com terra e aos sem-terra, ao governador Roberto Requião, aos prefeitos e aos deputados aqui presentes, que quando pegamos o Brasil, o risco-Brasil estava a 2.400 pontos. E que, desde setembro do ano passado, não havia um centavo de crédito para as



nossas exportações. É importante lembrar que a inflação vinha subindo outra vez.

Em apenas 100 dias estamos fazendo um trabalho para recuperar a credibilidade do nosso país junto aos investidores estrangeiros e aos investidores nacionais. Estamos investindo, nesses 100 dias, para evitar o crescimento da inflação. E estamos despertando, na sociedade brasileira, a auto-estima de que nós, e somente nós, precisamos. Precisamos acreditar que nós, brasileiros, dependemos muito mais da nossa confiança do que de qualquer apoio de país estrangeiro para sairmos da situação em que nos encontramos.

Outra vez, nós vamos bater o recorde de produção agrícola. Outra vez, nós vamos ter superávit comercial e a agricultura será responsável por boa parte desse superávit.

O Brasil precisa aproveitar as oportunidades, precisa brigar pelos seus direitos. Nós somos mais do que democratas. Nós todos ouvimos os países ricos falarem em livre comércio, mas gostaríamos que eles praticassem o que eles querem que nós pratiquemos.

O Brasil não deve a nenhum país do mundo em competência agrícola. O Brasil está preparado para disputar com qualquer país do mundo. A única coisa que exigimos é regra de jogo igual para todo mundo. Não podemos continuar tendo as tarifas super-extraordinárias que os europeus impõem para os nossos produtos entrarem lá. Não podemos continuar disputando com os países ricos que gastam bilhões e bilhões de incentivos para os seus agricultores, em subsídios, sem que nós tenhamos a mesma política. Mesmo assim, o Brasil tem sido competitivo.

E, agora, governador Requião, com a tal da “vaca louca” na Europa, se o povo brasileiro e os produtores acreditarem em si mesmos, se o Governo fizer a sua parte, nós poderemos ter acesso ao chamado mundo desenvolvido como jamais imaginamos ter, porque produzimos o “boi verde”, com carne de



qualidade, sem as doenças causadas pela ração animal que eles tanto usaram nesses últimos 50 anos.

E a agricultura é, para o meu governo, um dos pilares do desenvolvimento que precisamos ter. É por isso que escolhi este companheiro aqui, especialista em cooperativas. Pouca gente no mundo entende mais de cooperativas do que o meu companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura. Pouca gente. Da mesma forma que pouca gente entende de comércio exterior como o meu amigo Luiz Furlan, ex-presidente da Sadia, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

É com homens como esses, mais o companheiro José Graziano, que está aqui, que combate a fome, e companheiros como Palocci, como José Dirceu, como Ciro Gomes, que a gente está levando este país para um outro caminho. Não adianta os apressados quererem cobrar que a fruta nasça antes da árvore nascer. Os que tentaram isso quebraram a cara. Nós plantamos a nossa árvore, estamos adubando e vamos tratar dela com carinho, porque queremos que 175 milhões de brasileiros possam comer do fruto dessa árvore chamada Brasil.

O que não pode continuar a acontecer é num país deste tamanho, com 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, onde não temos vulcão, não temos neve, não temos maremoto, onde temos mais terras produtivas do que a China, termos 43 milhões de pessoas passando fome.

Não é possível que este país tenha tido tanto dinheiro para financiar empresas multinacionais para comprarem as empresas nacionais e não tenha dinheiro para ajudar a pequena e a média agricultura brasileira, para ajudar o pequeno e médio criador neste país.

Meu caro Roberto Requião, deveria ser você a falar sobre isso, mas vou dar apenas alguns dados para os empresários da agricultura que estão aqui. Na safra atual, o Banco do Brasil já financiou 13 bilhões de reais e até o final da safra esse número deve chegar a 15 bilhões de reais. Esses números



representam um crescimento de 20% em relação aos financiamentos da safra anterior. O Paraná recebeu 2 bilhões e 800 milhões de reais em financiamentos agrícolas nessa safra. O Banco do Brasil se prepara para um crescimento de mais 20% do total a ser financiado para a próxima safra, 2003/2004, num total previsto, portanto, de 18 bilhões de reais de financiamento para a agricultura brasileira.

E, além disso, a agricultura familiar terá, para esta próxima safra, praticamente 4 bilhões de reais contra 2 bilhões que foram liberados o ano passado. E nós estamos fazendo isso para demonstrar ao pequeno e ao grande produtor, e àquele que investe em tecnologia que ninguém, neste país, se arrepende de ter acreditado no Brasil, de ter acreditado na agricultura e de ter acreditado que este país vai aprender a viver às custas do seu trabalho e não às custas de dinheiro emprestado do estrangeiro que, depois, nós não podemos pagar.

E quero terminar dizendo a todos os meus amigos que nós vamos fazer neste país uma reforma agrária. E eu disse, durante a campanha, que nós iríamos fazer uma reforma agrária tranqüila e pacífica, sem precisar ter violência. Agora, é preciso fazer a reforma agrária e fazer com que o pequeno agricultor possa se organizar em cooperativas, possa se organizar criando agroindústria, possa ter o financiamento e se tornar produtivo neste país. O que nós não queremos mais são assentamentos espalhados pelo Brasil, sem que haja um financiamento correto, sem que haja assistência técnica correta, ou vivendo-se de cesta básica, meu caro companheiro Roberto. Nós não queremos ficar transferindo miseráveis urbanos para continuarem miseráveis no campo. Nós queremos que essas pessoas conquistem a sua cidadania, que possam trabalhar, que possam se organizar, que possam produzir e que possam adquirir o prazer de produzir e de ganhar dinheiro para ter acesso a bens materiais que todo ser humano tem direito de ter.

E eu não reivindico muito. Eu tenho dito todo santo dia: meu mandato é



de quatro anos, e eu quero voltar em qualquer praça deste país, e quero comparar os meus quatro anos com os quatro anos de qualquer outro governo que passou antes de nós. Eu quero medir quem gerou mais empregos, eu quero medir quem aumentou mais a renda, eu quero medir quem investiu em educação, eu quero medir quem investiu mais na saúde, eu quero medir o crescimento econômico e o crescimento da agricultura com os outros governos. E aí, quando terminar o meu mandato, eu quero ter conquistado não apenas a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro, mas quero ter garantido o direito de um Presidente da República, uma vez na vida, deixar o seu mandato e andar de cabeça erguida em cada esquina e em cada rua deste país, porque cumpriu o que prometeu.

Eu quero terminar dizendo para vocês: tenham a certeza de que nós somos o remédio que vai curar a dor de cabeça. Tenham a certeza, não sejam apressados e não queiram que os frutos dêem antes de a gente plantá-los. Nós queremos ser acompanhados, queremos ser vigiados, queremos ser cobrados, pois nunca na história deste país um Presidente da República já fez a quantidade de reuniões que eu fiz com empresários e com sindicalistas. Nunca. Não tem nenhum setor que eu já não tenha chamado para conversar, para discutir o que ele pode fazer para ajudar este país a dar um salto de qualidade. Porque não é possível que o nosso país, que já foi a oitava economia do mundo, seja hoje a décima. Tenho 57 anos de idade, e meu pai já falava: “O Brasil é o celeiro do mundo.” E a gente ainda não conseguiu dar este salto de qualidade.

Eu quero que vocês saibam que nós vamos dar este salto de qualidade. Acreditem, podem ter certeza, que não haverá lugar neste país que eu não vá visitar, não haverá feira deste país que eu não vá visitar, porque eu não quero apenas visitar coisas ruins. Eu quero visitar, também, coisas boas para que a esperança se renove cada vez mais dentro de mim. Eu queria que vocês não perdessem a esperança, não perdessem a fé e acreditassem cegamente que



daqui a quatro anos a gente vai ter orgulho de morar no país chamado Brasil.

Muito obrigado e boa sorte para vocês.